

Último Esforço

O Congresso tem nesta semana uma rara oportunidade de se redimir perante o eleitor antes que as urnas de 3 de outubro reprovem maciçamente o comportamento abúlico dos congressistas. As lideranças dos partidos que apóiam o governo devem se mobilizar num último esforço para a rápida aprovação da medida provisória que criou a URV e para salvar alguma coisa da agonizante revisão constitucional.

Dia 31 de maio expira o prazo da revisão constitucional. Se o Congresso não demonstrar esta semana qualquer reação no sentido de aprovar medidas concretas antes que os partidos e os políticos mergulhem definitivamente na campanha eleitoral, a atual legislatura se encerrará da forma mais melancólica possível.

O eleitor está convencido de que o Congresso nada faz e que os deputados e senadores são mais interessados em defender pequenos interesses — como livrar a pele de colegas envolvidos no escândalo do Orçamento — do que em dotar o país de leis reparadoras e de medidas que ajudem os brasileiros a superar a crise econômica gerada pela inflação que nasce do descontrole estrutural das finanças públicas.

Há na agenda do Congresso temas urgentes que pedem a mobilização dos deputados e senadores, como a aprovação do Orçamento de 1994. Não se tem conhecimento de nenhum país, que se pretenda moderno, cujo Orçamento do ano fiscal tenha sido aprovado depois de cinco meses de avanço do calendário. As desculpas e a tentativa de transferir a culpa para o Executivo, pela demora no envio da proposta orçamentária adaptada à criação do Fundo Social de Emergência, não ab-

solvem o Congresso.

Vergado sob o peso da parafernália de impostos federais, estaduais e municipais, e do mais perverso e injusto dos tributos, que é o *imposto inflacionário* de 43% ao mês, o contribuinte considera inaceitável que o Congresso finja nada ter a ver com a sorte da economia do país. O problema não é só do governo e do seu candidato oficial — que estão ansiosos para colocar o real nas ruas.

O maior partido do Congresso — o PMDB — e o partido cujo candidato presidencial tem até agora a maior densidade eleitoral — o PT — não podem jogar com a hipótese eleitoral do “quanto pior, melhor”. A imensa maioria da população, que não suporta mais o pesadelo inflacionário, quer a estabilização da economia, com a derrubada da inflação, porque sabe que poderá viver melhor. O *pior* piora tudo.

Essa atitude de fingir de morto, de não fazer nada para não desagradar a ninguém, é o pior comportamento político que o Congresso poderia adotar: desagrada a todo o mundo e arruína, definitivamente, o pouco que restava de credibilidade da instituição. A elite nacional e o povo estão absolutamente decepcionados e descrentes em relação a seus representantes no Legislativo.

O resultado do sistemático desprezo do Congresso pela tomada de posição a respeito dos grandes problemas nacionais deverá ser a maciça reprovação dos atuais representantes nas urnas de outubro. O eleitor deverá aumentar, como protesto, o costumeiro índice de renovação — dos 70% para mais de 90% da representação. É um sinal de que ainda não perdeu a esperança de ter um Congresso à altura das responsabilidades do país.